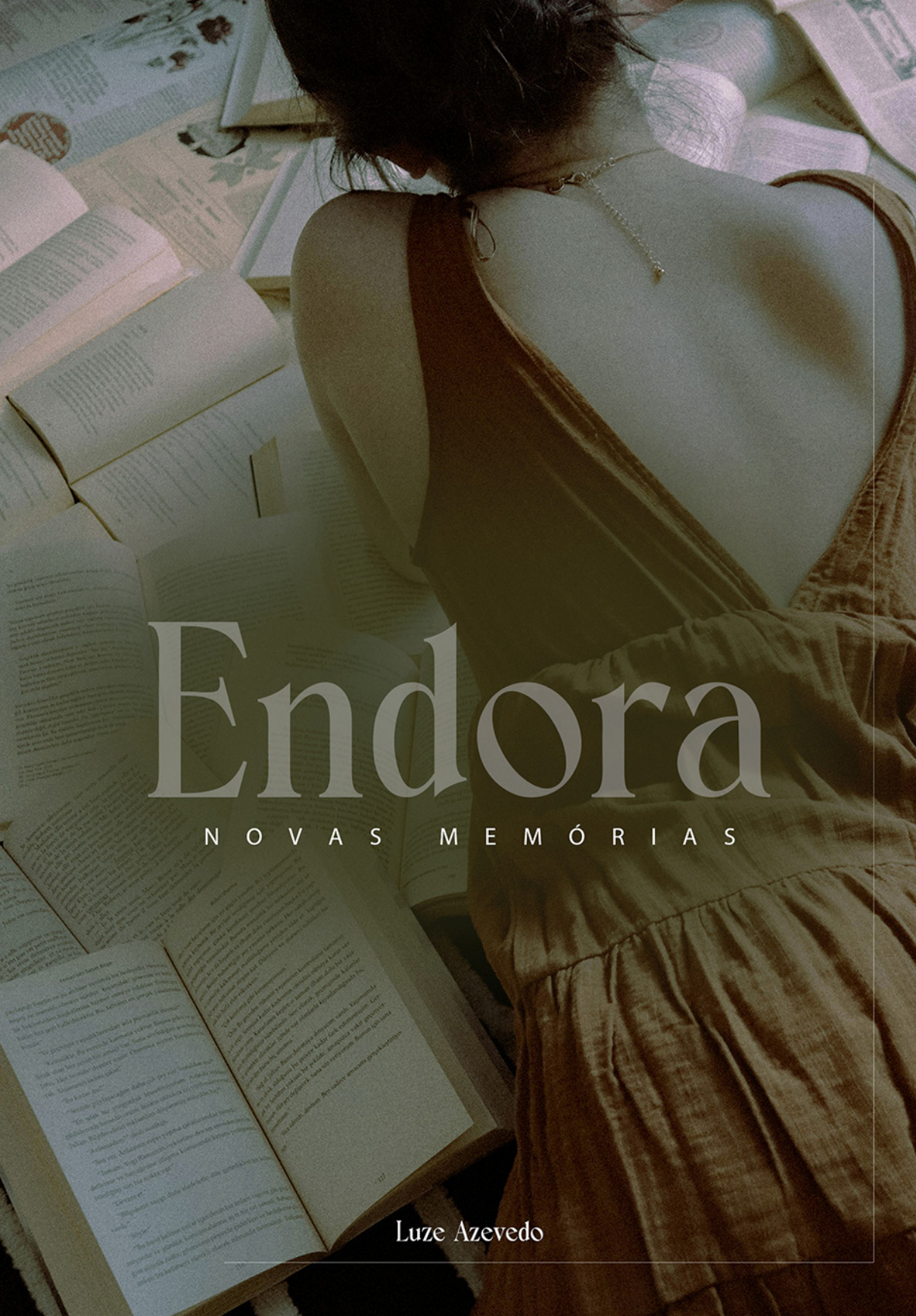


A woman with dark hair, seen from behind, is lying on a bed of open books. She is wearing a brown, low-cut, long-sleeved dress and a thin gold chain necklace. The scene is bathed in a warm, golden light, creating a nostalgic and intimate atmosphere. The books are scattered around her, with some pages visible, showing text in Portuguese.

Endora

N O V A S M E M Ó R I A S

Luze Azevedo

SUMÁRIO

Reprodução da capa de 1994.....	10
---------------------------------	----

Não É Um Guia	13
---------------------	----

Este livro não pretende ser um guia prático, nem
conduzir você, leitor, a lugar algum.

Amo Amar Você – Amor!	21
-----------------------------	----

Esta é a frase que eu escutei durante a minha
infância, e escuto ainda nos dias de hoje.

De Onde Vem A Fé	23
------------------------	----

O diploma do curso primário ainda estava fresco
em suas mãos, mas o sonho de continuar...

O Passado No Passado	33
----------------------------	----

Sou o coronel Arnaldo Garcia, senhor de quarenta mil
alqueires que se estendem de Presidente Prudente a Lins!

Criança Minha, Que Saudade!	53
-----------------------------------	----

Penso em você a cada instante em que o tempo me permite parar e pensar.

Véspera de Natal.....	63
-----------------------	----

Separar Rosival de tudo que ela simbolizava era
como arrancar suas asas, deixando-o preso...

Cafelândia	87
------------------	----

Rosival abriu o canivete com destreza, descascando
a laranja em movimentos precisos.

A Partilha	97
------------------	----

O tronco, imenso e pesado, era arrastado para a beira do eito no carretão.

Meu Amigo Leonel.....	109
-----------------------	-----

Diga o que pensa com esperança no coração.
Pense no que faz com a força da fé.

Ele Disse Sim	121
---------------------	-----

Em qualquer roda onde houvesse mais de um
homem a beber, o assunto não era outro...

Nascimento.....	129
-----------------	-----

Na boleia da carrocinha, ele estimulou o burrico,
fazendo com os lábios um barulho como...

Desculpa!.....	147
----------------	-----

Terminou, finalmente, a colheita. O último carro
de café foi carregado, levado e beneficiado.

A Sede de Vencer!	163
-------------------------	-----

A parteira aproximou-se do fogão e serviu-se de
uma caneca de café, buscando as palavras...

Os Grandes Amores	181
-------------------------	-----

Ao pôr do sol, o João-de-barro entoava sua sinfonia,
pousado no galho do abacateiro onde fizera seu ninho.

Segunda Parte	187
---------------------	-----

O aroma agradável do creme de barbear vinha
do banheiro e se espalhava pelo ar.

Eu e a Verneck	189
----------------------	-----

...vovô surgiu na escada dos fundos, montado em um
cavalo branco, imponente como um cavaleiro...

Quem Sou Eu?	197
--------------------	-----

No interior marcado pelo tempo e pelas tradições, uma
festa de São Pedro reúne familiares e amigos...

Às Escondidas	199
---------------------	-----

E Sob o véu dourado das plantações de café, onde o sol
beijava a terra como um amante impaciente...

É Preciso Decidir	207
-------------------------	-----

Depois de uma vida dedicada ao trabalho e à conquista
de seus sonhos, ele se via encurralado...

À Beira Mar	211
-------------------	-----

Em meio ao calor do final do verão em Bauru, um grupo
de amigos se reúne em um bar para conversar...

O Que Não Tem Remédio	217
-----------------------------	-----

Seu trabalho frutificou, cada gota de suor vertida na
terra da Verneck se transformou em frutos maduros.

Criando Raízes.....	221
---------------------	-----

O campo e seus mistérios me prendiam como raízes
invisíveis que eu havia criado ali eram...

O Coração Começa A Falhar	231
---------------------------------	-----

...era uma moça morena, de cabelos anelados a cair pelos
ombros, que esvoaçavam ao vento no galope do cavalo.

A Imagem	251
----------------	-----

Cada palmo do chão percorrido, cada colina, cada árvore ou
pássaro exótico, tornava-se íntimo dos meus sentimentos.

Reprodução da orelha do livro de 1994.....	255
--	-----

Reprodução da contracapa de 1994	256
--	-----

Véspera de Natal

Separar Rosival de tudo que ela simbolizava era como arrancar suas asas, deixando-o preso à monotonia sufocante da vila. Cada dia ali parecia uma sentença lenta, privando-o da liberdade que antes lhe dava vida, onde desocupados tagarelavam e se intrometiam nas vidas alheias. Era como cortar as asas de um pássaro, interrompendo seu voo em plena liberdade.

A pesar da época das chuvas, o dia amanheceu ensolarado. A vila fervilhava com o vai e vem na rua do comércio, onde cavaleiros, carroças e carros de bois se misturavam em um alegre clima de festa.

Durante todo o ano, os trabalhadores das fazendas vinham à vila para fazer suas compras nos dias de pagamento. Alguns poucos possuíam um cavalo magro para ajudar com a carga; porém, a maioria voltava a pé pelas estradas empoeiradas, curvados ao peso dos sacos brancos de algodão cheios de mantimentos.

Às vésperas do Natal, tudo mudava na vila, não apenas os enfeites que adornavam as fachadas das casas e do comércio, mas também a chegada de parentes e amigos que traziam vida nova ao lugar. Os patrões, fingindo-se tocados pelo espírito natalino, autorizavam seus carroceiros a transportarem as compras de todas as famílias nos finais de semana. Assim, o Natal se renovava a cada ano. Esses patrões, habitualmente duros e frios, nesses dias pareciam amolecer os corações, realizando suas “boas ações”.

Fosse pelo motivo que fosse, aqueles trabalhadores, de mãos calejadas e corações sinceros, viam no dia de folga uma chance de esquecer o cabo da enxada. Confraternizar com velhos e novos amigos, contando causos, era um prazer simples, mas essencial. Sorridentes, aproveitavam tudo o que a vila tinha a oferecer. Com suas famílias, todos se entregavam à deliciosa tarefa de desfrutar o dia inteiro, sem preocupações, imersos no clima festivo.

Enquanto as mulheres se refrescavam e conversavam animadamente, os jovens circulavam pela praça. Olhares furtivos eram trocados, seguidos de sorrisos tímidos e bilhetes escondidos. Já os meninos, muitas vezes a contragosto, eram levados ao barbeiro. Relutantes, sentavam-se para o corte escovinha e depois corriam pela praça como um bando desenfreado, em busca de doces.

Enquanto isso, os homens se reuniam nas vendas, conversando, negociando e barganhando desde ferramentas até pangarés magros para o trabalho, animados pelos tragos de cachaça. Os visitantes, encantados com a alegria dos moradores, enturmavam-se nas conversas longas e nas histórias que ninguém ousava desmentir, ainda que ninguém pudesse comprovar. Alguns se permitiam o luxo de um porre, zanzando pelas ruas entre gargalhadas com os amigos, noite adentro.

Elias, um homem forte de pele escura e olhar perspicaz, estava na venda com amigos. Sua voz fanhosa, quase um murmúrio, se desta-

cava no ambiente animado. Já haviam tomado cachaça e decidiram refrescar-se com cerveja, resfriada à sombra, em sacos de estopa recheados de palha. Conversavam despreocupados, pois as compras já estavam carregadas, enquanto as mulheres ainda estavam à procura das novidades ou dos filhos.

Enquanto Elias narrava causos de sua infância, ele disse: — Eu te digo, Luís! Quando vim do Mato Grosso com meu finado pai, eu ainda era um moleque sem tino. Mas minha irmã, que já era moça, ouviu dos antigos moradores muitas histórias sobre aquele fundão onde ficava nossa casa. Ela mesma já viu coisas estranhas! Eu gosto de contar essas histórias como ela sempre fazia, com o jeito de boa professora que é.

Luís, um homem de pele parda, alto e magro, já de idade avançada, ostentando um vasto bigode, escutava atentamente, oscilando entre a crença e a dúvida, mas não ousava questionar ou tirar o foco da conversa. Falava devagar, com prudência, escolhendo cada palavra, mantendo o suspense no ar.

— Elias, meu amigo, sou um homem vivido e tenho andado muito por aí, até altas horas, mas nunca aconteceu nada comigo! Eu só ouço falar, e é isso que eu passo adiante.

— Sorte a sua, Luís, sorte a sua! — Replicou Elias, sem tirar o cigarro de palha da boca.

— Meu pai — continuou Luís — era um homem de poucas palavras, mas certa vez me contou sobre um encontro terrível com algo que era meio gente, meio bicho, na passagem de uma porteira, perto de um engenho abandonado. Teve uma luta dos diabos para se livrar, e quando chegou em casa, estava com as roupas em tiras e o coração na boca!

Mais adiante, Elias apresentou seu primo Jonas, que, normalmente reservado, se soltou um pouco mais entre os novos amigos e a bebida,

narrando histórias que ouvira dos pais e tios. Ele prendia a atenção de todos, fazendo novos amigos entre os convivas.

Enquanto isso, a poucas horas dali, outra história tomava forma. Janaína ajudava a mãe a preparar as decorações para as festas de Natal. A cada tropel de cavalo que ecoava na rua, corria à janela com o coração aos saltos, ainda alimentando a esperança de ver passar o cavalo tordilho que tão bem conhecia, montado pelo amado cavaleiro. A aflição apertava-lhe a alma, ansiando ardentemente por uma chance de esclarecer com o namorado a brincadeira infantil e inconsequente daquele malfadado baile.

Mais de três meses tinham se passado desde então, e Rosival sumira sem dar notícias.

A menina não fazia ideia do quanto sua brincadeira inocente havia ferido o coração do valente rapaz, transformando-o em uma fera ferida, marcada pela dor, que ataca com ódio até a própria sombra, defendendo-se de tudo e de todos. A dor despertara o animal selvagem que habitava naquela alma livre e indomável, qual gavião vermelho a voar pelos campos. Rosival refugiou-se em isolamento, remoendo os sentimentos até que a ferida cicatrizasse. Adaptou-se ao lema de que uma alma ferida é perigosa, pois sabe que sempre poderá sobreviver.

Depois disso, ele mudou. Passou a frequentar as prostitutas do cais do porto, e suas horas de folga eram gastas nas casas da zona, pagando por alguns momentos de amor fingido, sem pesar as consequências. Foi então que pegou uma doença venérea, que o deixou fora de circulação por um tempo, tratando-se com o doutor Juvenal, tomando injeções de bismuto que não conseguiam debelar a infecção, além de passar por raspagens e curativos locais.

Mas esse castigo não foi suficiente. Rosival deixou as prostitutas e voltou-se para as mocinhas humildes, que acreditavam em falsas pro-

messas, ou que pensavam poder prender o bom partido. Não sabiam que ele estava permanentemente a se vingar das dores passadas em outras pessoas inocentes. Nem ele mesmo sabia que se vingava de Janaína, iludindo qualquer uma que cruzasse seu caminho e alimentando um ódio que o corroía por dentro, sem que ele percebesse.

Sempre tomando a precaução de entrar pelo outro lado, pelo cais do porto, como fazia desde os tristes acontecimentos daquele fatídico baile, ele retornava à vila.

A poucas quadras do porto, sua irmã Idalina, a mais velha, que havia se casado com Odilo, possuía uma casa grande, onde ele agora se hospedava sempre que ia à vila. O cunhado, dono da fazenda Curió, dava-se muito bem com ele.

Ao bater à porta, sua irmã o atendeu com uma expressão alegre e disse para que entrasse logo, pois havia alguém à sua procura havia algum tempo.

O visitante era ninguém menos que o primo Heitor, que viera passar uns dias na casa do coronel Honório.

— Olá, primo Rosival! Estávamos mesmo a falar de você.

— Como vai, primo Heitor?

— Levando a vida!... Mas estou aqui com a incumbência de convidá-lo para o almoço de Natal na casa do tio Arnaldo. Eu disse a ele que você iria, o que o deixou contente, pois andava dizendo que não lhe punha os olhos em cima há muito tempo e queria estar com você.

— Mas... — continuou Heitor, com um sorriso maroto nos lábios — há uma certa pessoa que o espera com ansiedade, primo. Tomei a liberdade de falar a seu respeito, e agora ela quer conhecê-lo. É a prima

Nádia Cristtina, a morena mais encantadora que estas terras já viram, capaz de montar a cavalo com a mesma graça com que desliza em uma valsa durante um baile de gala.

— Sabe, primo, eu até gostaria... — disse Rosival, hesitante. — Mas só de pensar que a viagem é longa, praticamente um dia e meio de estrada, já me sinto desanimado e quase desisto.

— Que nada, primo Rosival! — exclamou Heitor, com um brilho animado no olhar. — Agora, de trem, a viagem é tranquila, e a paisagem... Ah, a paisagem compensa cada segundo. O trem vai até Bauru, e de lá, é apenas meio dia a cavalo. Você vai ver, a jornada será um prazer.

— Não sei, primo... — Rosival suspirou, lançando um olhar distante. — Fico receoso de ficar tantos dias fora. Minha mãe pode precisar de mim.

— São só dois dias, Rosival! Dois dias apenas! — insistiu Heitor com ternura. — E, pense bem, a prima Nádia ficaria imensamente contente em conhecê-lo. Ela já está à sua espera.

— Está bem, primo, irei. Você me deixou mordido pela curiosidade! Além do mais, quero também ver o coronel, meu tio-avô. Pode dizer a todos que estarei lá para as festas.

Estavam ainda conversando sobre o dia seguinte, quando a dona da casa, que todos chamavam carinhosamente de Ida, apareceu à porta da sala, chamando-os para o almoço.

Os dois primos interromperam o bate-papo e, comentando sobre o cheiro do feijão com toucinho, dirigiram-se à mesa.

Na fazenda Val Paraíso, aquela véspera de Natal amanhecera com uma agitação incomum. Logo de madrugada, já se ouviam os gritos dos porcos escolhidos para o abate. Dois fortes trabalhadores, junto

com o capataz do coronel, carregaram uma verdadeira montanha de palha de milho para sapecar os gordos capados antes de lhes tirar as vísceras. Agora, os tangiam para fora do cercado com uma corda amarrada ao pé de cada um, impedindo-os de fugir e facilitando sua condução até a calçada de pedras, previamente lavada. Três grandes porcos, com a gordura balançando a cada passo, foram conduzidos à calçada, berrando a plenos pulmões, e só pararam de gritar quando suas vidas se esvaíram nas lâminas afiadas dos trabalhadores.

No curral, o garrote isolado e inquieto bufava, sacudindo os chifres como um aviso. Seus olhos brilhavam de medo e desafio, capturando o instinto primal de sobrevivência, pressentindo o fim próximo.

O coronel dera ordens para que se distribuísse carne para todos os empregados.

As mulheres da cozinha, ajudadas por outras, recrutadas na véspera, preparavam tachos, bacias de alumínio, formas e assadeiras, além de máquinas de moer manuais, dispostas sobre uma grande mesa de ipê, sob uma cobertura de forno a lenha. Não tardaria para que as seis bandos dos capados fossem estendidas sobre a imensa tábua, enquanto os quartos de boi seriam pendurados em ganchos de ferro, fixados na viga mestra do telhado.

O serviço de trincar as carnes, moer o toucinho para fazer gordura nos tachos, salgar e assar as peles para as pururucas, além de temperar as carnes para o almoço do dia seguinte, ocuparia todo o dia de Justina e das demais trabalhadoras.

Nádia também se levantou cedo e se juntou a Justina e às outras nos preparativos do banquete de Natal, numa disposição rara, provocada pela inexplicável onda de felicidade que se infiltrara em seu espírito com a chegada das festas. Parecia que os passarinhos cantavam com mais vigor, e via os campos mais verdes e as flores mais vivas. Toda

essa felicidade tinha uma razão da qual ela própria não se dava conta: o primo Heitor havia mencionado Rosival muitas vezes e prometera convidá-lo para o dia de Natal. Ela se entusiasmara desde a primeira vez em que o primo descrevera o rapaz. Ele, aos seus olhos, parecia ter sido feito sob medida para ela, embora se fizesse de desinteressada sempre que o assunto vinha à tona.

O coronel já estava à mesa do café quando ela chegou à cozinha, ocupadíssimo com uma broa de fubá que lhe enchia as barbas de farelo. Ele sorriu ao ver a aparência radiante da neta.

— A sua bênção, vovô! — disse Nádía, com um sorriso.

— Deus a abençoe, Nádía! Hoje você está mais bela e feliz. O que houve, viu passarinho verde?

— Oh, vovô, acho que é a expectativa da festança de amanhã!

Ela serviu-se de uma xícara de café quente e sentou-se à mesa, perto do avô, sem parar de conversar. Recusou o convite dele para um passeio a cavalo, explicando:

— Desculpe, vovô! Justina e as outras devem estar muito atarefadas, e eu quero ajudar um pouco para ver também se tudo está saindo direito.

O velho coronel afagou-lhe a cabeça com carinho. Ele nunca deixaria de admirar aquela doce criança, por quem nutria um sentimento todo especial. Levantou-se com um sorriso e, pegando o chapéu, saiu, deixando-a só com seus pensamentos.

O trem seguia em seu compasso binário, enquanto o som dos apitos e o chacoalhar do banco embalavam os pensamentos de Rosival, que pareciam fitar os verdes horizontes, mas estavam perdidos em tristonhas reflexões. A viagem estava cansativa; ele sentia-se mais

confortável sobre o lombo de um cavalo, onde seus pensamentos entravam em harmonia com a paisagem. Um sentimento de remorso também o atormentava: sua mãe estava fraca e adoentada, e seu pai decidira vender a fazenda e mudar-se para a vila, destruindo seus sonhos de prosperar. Mas o que realmente o incomodava era passar o Natal longe da mãe.

Nessas horas, nenhuma paisagem conseguia abrandar o sentimento de culpa; a solidão sufocava-lhe o peito. A terra era parte de sua vida, e afastá-lo de tudo o que ela representava seria condená-lo à insipidez da vida entre os desocupados da vila, tagarelando e se metendo nas vidas alheias. Seria matá-lo aos poucos, asfixiá-lo como um peixe fora d'água, como um pássaro a quem se cortam as asas, interrompendo o voo da liberdade.

A viagem seguia seu trajeto, e Rosival, na angústia, encontrava a força para continuar, como um guerreiro que, ao ver sua bandeira de liberdade ameaçada, enche-se de coragem redobrada e lança-se à luta.

Rosival, compreendendo que sua luta seria solitária e que não poderia contar com ajuda alguma, buscava na angústia a força para empreender a caminhada, como um guerreiro que, ao ver ameaçados seus sonhos e crenças, enche-se de força e coragem redobradas e lança-se à luta, tornando-se invencível. Sem saber ao certo o que faria, decidiu batalhar sem trégua para impedir que seus sonhos se desvanecessem. No dia seguinte, seria Natal, e ele iria almoçar com o coronel, seu tio-avô. Talvez tivesse a oportunidade de propor algo ao velho. Afinal, ele era tio de sua mãe e não haveria de abandoná-la em momento tão delicado.

— Amanhã pensarei melhor... — murmurou em voz alta, quando o trem chegou a Bauru. A cidade parecia-lhe solitária, completamente deserta. Correu os olhos pela paisagem e não sentiu atração.

Agora, sua busca seria por um hotel para passar a noite. Da estação de trem, avistou um pequeno hotel. O nome — “Fiesta” — pareceu-lhe sugestivo, afinal ele estava a caminho de uma grande festa.

Antônio, o gerente do hotel, mostrou-se preocupado com o viajante e sua longa empreitada. Arranjou-lhe um bom quarto e uma refeição quente. Convidou-o para cear junto aos hóspedes, mas Rosival, tímido, achou melhor ir dormir e ganhar energias para o dia seguinte.

— Desculpe-me, Antônio, por desapontá-lo. Amanhã tenho que ir até Santo Antônio da Estiva, e seria bom que eu repousasse.

— Sabe, seu Rosival, conheço bem aquelas paragens. Já morei lá perto de Santo Antônio da Estiva. Será uma bela empreitada.

— Então, meu amigo, preciso de um bom cavalo de marcha. Tenho que chegar lá antes do almoço.

— Fique tranquilo... vou arrumar um bom cavalo para sua viagem.

Rosival foi deitar-se, mas a noite arrastava-se preguiçosamente. O pio da coruja e a orquestra de sapos e grilos preenchiam a escuridão com seus acordes contínuos. Vez ou outra, ouvia também a folia dos hóspedes a beberem e brindarem o Natal. A cama, como frigideira ardente, aquecia-lhe as costelas e impedia-lhe o sono. Com as roupas e os lençóis encharcados, ele virava-se e revirava-se num frenesi angustiado, com a cabeça latejando, tentando em vão conciliar o sono.

Levantou-se, tomou água e deitou-se de novo, para, em seguida, levantar-se outra vez. Fumou na varanda, interrogando as estrelas, e só quando a madrugada já ia avançada conseguiu adormecer, despertando ao primeiro cantar do galo.

O dia amanhecia ensolarado, trazendo o frescor do início do verão. O sol já mostrava sua face incandescente, refletindo o brilho nos pingos de orvalho nos arbustos e na grama da pra5ça em frente ao hotel.

Rosival sentia-se como em uma ressaca após uma noite de bebedeira. A cabeça girava e ele sentia náuseas. Afogou os pensamentos embaixo da pia do banheiro, molhando os cabelos compridos, o que, aos poucos, lhe trouxe alívio, relaxando a pressão e o zumbido nos ouvidos.

Tomado por um novo ânimo, foi até a portaria pedir que preparassem o cavalo. Antônio já havia saído, mas não antes de preparar a sela. Rosival tomou um gole de café e partiu para a estrada.

Na fazenda Val Paraíso, aquela noite fora de festa. O coronel estava feliz por receber os parentes que resolveram fazer-lhe companhia na ceia de Natal.

Os primos de Minas Gerais haviam chegado, trazendo os filhos para verem o avô. O Tenente Orlando, em um de seus raros momentos de paz com o sogro, levou os meninos e a esposa. O primo Heitor, o sobrinho predileto e também a alma da festa com suas anedotas e histórias picantes sobre a família, não podia faltar.

A alegria contagiava a todos. A mesa estava farta, com pratos de leitoa assada, lombos de porco recheados, frangos caipiras preparados ao leite, farofas, pães e bolos salgados, arroz de forno, tudo regado a muito vinho, além de sobremesas variadas.

O coronel, entusiasmado por alguns copos de vinho, esquecia sua sisudez costumeira e se punha a brincar, fazendo graça, como se a juventude lhe voltasse. Seus olhos brilhavam, refletindo a felicidade em que se encontrava.

Primo Heitor, sentado no outro extremo da mesa, conversava em voz baixa com Nâdia, dando-lhe notícias do tão esperado Rosival, que prometera aparecer no dia seguinte. Protegidos de olhares indiscretos pelo barulho dos festejos e pelo tamanho da mesa, Heitor lhe contou que percebera um interesse incomum no rapaz, que assegurara estar presente no almoço de Natal.

As risadas e as histórias se prolongaram até quase a madrugada, quando os convidados começaram a retirar-se para seus quartos.

Primo Heitor, por fim, ficou só, com uma jarra de vinho a embalar-lhe os pensamentos. Ele gostava muito de Nâdia e Rosival e sentia-se bem no papel de cupido. Estava determinado a colaborar para que os dois se conhecessem e se apaixonassem.

Perdido nessas ideias, ele tomou uma jarra de vinho, depois outra. Já com os passos vacilantes, dirigiu-se à varanda, onde ficou sentado numa cadeira de balanço, resmungando e cantarolando baixinho. Foi então que notou algo estranho no céu: as estrelas giravam como um carrossel, e a lua estava fora de foco. Tentou levantar-se, mas parecia pregado à cadeira. Depois de algumas tentativas frustradas, num esforço supremo, conseguiu levantar-se, agarrando-se ao esteio da varanda, e chutou a jarra vazia, que se fez em cacos contra a parede, quebrando o silêncio da noite.

Abraçado ao esteio, ele respirou fundo, aguçando os ouvidos para perceber se alguém havia despertado. Após alguns minutos, constatou que todos dormiam profundamente. Passou então ao segundo ato: a caminhada até o quarto.

Encostado na moldura da porta da varanda, avaliou a distância até a escada. Era longe demais para caminhar sem apoio, com o risco de tropeçar e derrubar algo. Concluiu que seria mais seguro ir de quatro, e assim, de gatinhas, percorreu o trajeto da porta até o pé da escada.

Dali em diante, com o corrimão para se apoiar, conseguiu subir os degraus com relativa facilidade, arrastando-se até o quarto.

Na escuridão, ainda bateu a cabeça na mesa de cabeceira antes de se atirar na cama.

O barulho das panelas arrancou-o do sono logo pela manhã, martelando-lhe a cabeça. A claridade do dia infiltrava-se pelas frestas da janela, ferindo-lhe a visão.

Levantou-se com grande esforço e foi até a bacia de louça, sobre uma cômoda com espelho, para lavar-se. Ao erguer o jarro d'água, viu o próprio reflexo e tomou um susto.

— Meu Deus! Será que o que vejo é realmente um ser vivo?!

Abriu uma das folhas da janela para iluminar melhor o quarto. Suas roupas estavam amarrotadas, o pescoço doía-lhe com o colarinho apertado, e o cérebro parecia solto dentro do crânio. O estômago, recusando-se a funcionar, dava-lhe uma sensação de peso e náuseas. Apressou-se em trocar de roupa, lavar-se e descer para a cozinha, em busca de algo que aliviasse a terrível ressaca.

Nádia, ocupada com os preparativos para o almoço, o recebeu com um sorriso divertido, observando o estado do primo.

— E então, Heitor, dormiu bem?

— Dormir? Como se tivesse passado a noite em cima de uma árvore! Meu corpo dói como se tivesse sido espancado!

— Tem aqui algo que vai te ajudar — disse Nádia, preparando um copo d'água, onde mergulhou um pedaço de raiz de calunga, amarga como fel, e estendendo-o ao primo, enquanto ria disfarçadamente.

— Dizem que carne de porco e vinho ao café da manhã são muito saudáveis — brincou Nádia, contendo o riso.

— Pelo amor de Deus, prima! Estou morrendo! Até o melhor dos doces agora teria gosto de cabo de guarda-chuva!

Ela ainda ria, divertida, quando um garoto, filho de uma das cozinheiras, chegou anunciando:

— Está vindo aí um cavaleiro!

Os cães latiam, correndo para a porteira em frente à casa, e todos, despertados dos afazeres, dirigiram-se para a varanda.

Além do grande jardim, o cavaleiro abria a porteira, que rangia nas dobradiças, e o cavalo, com movimentos graciosos, ajudava, empurrando a tábua e girando do outro lado.

Heitor adiantou-se a chamar o empregado dos currais e foi, com um sorriso no rosto, receber o visitante. Apesar da cabeça ainda latejando ao sol, ele sorria.

— E então, caro primo, como está?

— Anda-se, primo. Como foi a ceia? Estava a gosto?

— E como, primo Rosival! Ainda estou sentindo os efeitos! — disse Heitor, fazendo uma careta. — Mas, desmonte e venha logo!

Rosival apeou do cavalo, deixando as rédeas nas mãos do cocheiro, que viera correndo. Cumprimentou o primo com um abraço e seguiu com ele até a varanda, onde o coronel postara-se à frente de todos, com os polegares nos bolsos do colete, mantendo sua pose sisuda e altiva.

Por trás do pequeno grupo que se reunia ao alto da escada, no arco da grande porta de duas folhas, Nádia observava o recém-chegado com o coração disparado, ansiosa, mordida pela curiosidade. Ela o viu desmontar do cavalo, aos risos com o primo, e admirou o jeito quase arrogante com que ele transpirava força e juventude, com uma postura de quem estava a conquistar o mundo.

Rosival aproximou-se, decidido, e subiu os degraus de pedra que levavam à ampla varanda que circundava o sobrado. Tirando o chapéu, estendeu a mão ao velho coronel.

— A sua bênção, tio Arnaldo. Como tem passado?

— Que Deus o abençoe, sobrinho! Há quanto tempo não temos o prazer de sua visita! Vamos, entre, que o sol está queimando!

Nádia passou a mão pelos cabelos num gesto nervoso e involuntário, para se arrumar, perturbada pela proximidade do rapaz. Aproveitou o fato de que todos estavam entretidos nos cumprimentos e saiu sem ser notada, dirigindo-se apressada ao seu quarto. Deu o avental que usava para Justina, dizendo-lhe que chamasse o primo Heitor.

No quarto, sentou-se à frente do espelho, avaliando a imagem refletida por alguns minutos. Tirou da gaveta do toucador o pente e a escova e pôs-se a ajeitar os cabelos. Prendeu-os numa graciosa trança que deixou cair sobre o colo, o que lhe dava um ar de menina, em contraste com o vestido sóbrio de gola alta e rendada, no qual pendia um camafeu, preso por um alfinete de ouro.

Bateram à porta do quarto quando Nádia terminava de se arrumar. O primo Heitor, sempre prestimoso, recebeu o recado e prontamente atendeu ao chamado da prima.

— Heitor — disse ela, com um tom preocupado — quero ser apresentada a ele, mas longe de olhares curiosos. Chame-o para a varanda, onde estarei esperando.

— Está bem, prima. Darei um jeito.

Dizendo isso, Heitor voltou para a companhia dos demais, aproximando-se disfarçadamente de Rosival, que conversava com o tenente Orlando, genro do coronel. Precisava de um pretexto para tirá-lo dali, e o que lhe ocorreu foi convidá-lo a sair.

Bateu amigavelmente nas costas do primo e disse:

— Senhores, espero que o tenente me perdoe por roubar-lhe o interlocutor por alguns minutos, mas preciso da opinião do primo sobre um potro que tenho preso lá no curral. É necessário que seja agora, antes que o cocheiro o solte junto com o gado.

O tenente Orlando concordou sem dar muita importância ao pedido, e os dois primos saíram em direção à porta dos fundos.

Fora da casa, Heitor explicou a verdadeira razão daquela retirada estratégica.

— Eu precisava de um pretexto para tirá-lo de lá, primo. Nâdia quer conhecê-lo, mas sozinha, longe dessa multidão. Vamos dar a volta e entrar pelo jardim. Ela está na varanda.

Os dois contornaram a casa, passaram pelo jardim e subiram a escada da frente.

Nâdia avançou hesitante, os dedos enredados na barra do vestido, os olhos baixos, enquanto seu coração batia em um ritmo desenfreado. Cada passo parecia carregar uma mistura de timidez e expectativa.

Heitor tomou a iniciativa.

— Rosival, esta é a prima Nádía Cristtina, de quem lhe falei tantas vezes. Ela já o conhece muito, de tanto me ouvir tecer elogios, que, na verdade, são todos merecidos. Espero, de todo o coração, que vocês se deem bem.

Rosival ficou encantado. Viu naquela jovem a beleza pura e selvagem de uma orquídea desabrochada na mata. Simples, encantadora em sua simplicidade, mas com uma postura que mostrava força e determinação. Seu olhar transmitia a infinita energia que vinha de dentro, sendo ela um invólucro cheio de graça e beleza.

Os dois trocaram um aperto de mão tímido, sem saber o que dizer. Apenas os olhares conversavam, trocando confidências.

Heitor deu alguns passos para trás, permitindo que o momento pertencesse a Rosival e Nádía. Com um sorriso discreto, retirou-se para a extremidade oposta da varanda, dando-lhes o espaço necessário, de onde observava o jovem casal, que certamente teria muitas coisas a dizer neste primeiro encontro.

— Eis aí o par perfeito! — pensava Heitor consigo mesmo. — Jovens, bonitos, cheios de vida e com espírito de luta! Creio que nada poderá detê-los nesta vida!

A mesa posta para o almoço era uma réplica do dia anterior, na ceia de Natal: carnes diversas, temperos, saladas, mandioca, arroz, feijão com toucinho defumado, tudo regado a bons vinhos do Porto, além de sucos de frutas do pomar da fazenda.

À cabeceira da grande mesa, o coronel observava seus convidados com um sorriso de satisfação. Sabia do respeito e da admiração que lhe devotavam e orgulhava-se de ser o patriarca, rodeado pela família.

Justina servia à mesa, começando pelos homens que ocupavam a cabeceira.

As conversas eram amenas, enquanto todos estavam ocupados em degustar a variada e deliciosa refeição. Após o almoço, vieram as sobremesas: doces de todos os tipos, coalhadas, queijos e frutas. Depois, foi servido um café fumegante.

Terminado o banquete, o tenente Orlando chamou Rosival para uma conversa particular e levou-o para o pomar. Sob a sombra de uma frondosa mangueira bourbon, havia um banco feito de prancha de cedro, onde se sentaram, com os olhos voltados para a magnífica paisagem que se descortinava à frente.

O pomar ficava no início de uma encosta que se abria em um imenso vale verdejante, cortado longitudinalmente por um riacho de águas límpidas que desciam sobre pedras, formando pequenas cascatas aqui e ali. O vale estendia-se entre montanhas que se perdiam no horizonte, ao norte.

A casa grande da fazenda estava situada no ponto mais alto da vasta região e, à beira do pomar, o observador tinha diante de si um quadro de rara beleza.

— Rosival — começou o tenente — há algum tempo eu queria ter essa conversa com você.

Rosival o olhou atentamente, sem dizer nada.

— Em primeiro lugar, quero que saiba que notei o empenho com que seu primo Heitor age como santo casamenteiro. Sei que há entre você e Nádia Cristtina uma grande possibilidade de algo sério acontecer, e eu gostaria muito de vê-los juntos. Mas isso não acontecerá sem uma

luta, pois o coronel não aprovará. Chegaram aos ouvidos dele certas notícias a seu respeito, que o deixaram de orelha em pé.

Rosival sentiu uma pontada de apreensão. Sabia que sua fama de galanteador estava começando a se espalhar por onde não devia.

— Bem — continuou o tenente — creio que também não é segredo que eu não me dou muito bem com o velho, e já tivemos nossos desentendimentos.

Orlando fez uma pausa, depois acrescentou:

— Para o ano, devo receber algumas terras, ali no alto da pedreira, confrontando com as do Honório, das quais o velho finalmente abriu mão. Eu quero passá-las para você. Será um bom começo para alguém com a sua fibra.

— Tenente — disse Rosival, surpreso e pensativo — tenho receio de assumir uma dívida desse porte. Aquelas terras são boas, mas terei de derrubar muito mato para plantar, e não sei quanto tempo isso levará.

— Não se preocupe com isso. Não vou exigir mais do que você pode pagar. Será tudo no seu tempo, e sem pressa.

Rosival pensou por um instante.

— Bem, nesse caso, peço apenas um tempo para conversar com meu pai.

— Não tenha pressa. Quando estiver pronto, me procure. Saiba que, no que eu puder ajudar, estarei à disposição, tanto por você quanto por Nádia Cristtina.

— Obrigado, tenente. Tentarei corresponder à sua confiança.

Os dois se levantaram e, com passos lentos e preguiçosos, começaram a caminhar de volta para casa, atravessando o pomar sombreado pelas árvores frutíferas.

Dentro da casa, enquanto Justina e suas ajudantes terminavam o serviço do almoço — lavando panelas e louças e distribuindo comida para os empregados —, os hóspedes faziam a sesta, jogavam torrinha na varanda ou passeavam pelo jardim.

Rosival e o tenente encontraram Nádia no portão dos fundos, e ela os convidou para um passeio a cavalo até a hora do café. O tenente, com um sorriso matreiro e cúmplice, recusou educadamente o convite.

— Não, obrigado, Nádia. Vão vocês dois, que devem ter muito o que conversar. Aproveitem enquanto ninguém os observa.

Os jovens não esperaram nova ordem. Dirigiram-se apressadamente às coqueiras para selar os animais, e logo estavam galopando pelo pasto, rumo ao riacho. Ao chegarem na baixada, diminuíram o passo, e só então as palavras começaram a fluir — ainda tímidos, buscando coragem para dizer o que sentiam.

— Vamos até o córrego para dar água aos cavalos? — sugeriu Nádia, quebrando o silêncio.

— Sim, vamos — respondeu Rosival.

Eles desmontaram à beira do riacho, deixaram os animais beberem água e os amarraram a um galho baixo de um angico. Sentaram-se em uma grande pedra à margem, observando a correnteza lavar os cascalhos do fundo. A timidez ainda os atrapalhava, mas o tempo era curto, e precisavam vencê-la.

— Devemos nos apressar — começou Nádía —, logo sentirão nossa falta, e as coisas podem se complicar.

— Sim, então é melhor falar sem rodeios — disse Rosival, direto. — Acho — continuou ele — que o primo Heitor já nos apresentou muito antes de nos conhecermos. Para mim, conhecer você foi uma confirmação do que eu esperava. Estou encantado.

— Para mim, também foi uma grande satisfação conhecê-lo. E foi mais do que eu poderia imaginar — respondeu Nádía, olhando-o nos olhos.

Rosival hesitou por um momento, mas decidiu ser sincero:

— Ainda há pouco, estive conversando com o tenente, seu tio. Ele me ofereceu uma oportunidade irrecusável, embora também tenha me alertado que seu avô será contra esse relacionamento.

Nádía sorriu tristemente e suspirou:

— Meu avô tem para comigo o desvelo de pai, mãe e ama de leite, se puder juntar tudo isso em uma pessoa só. Ele se preocupa com meu futuro e, quando lhe contaram certas coisas sobre você, ficou desconfiado.

Rosival assentiu, reconhecendo a gravidade da situação:

— Sim, eu sei. Mas é uma história longa. O importante é que quero que você seja minha esposa. Talvez eu esteja sendo muito direto e apressado, mas as circunstâncias exigem isso.

Ele fez uma pausa, observando a reação dela antes de continuar:

— O tenente me ofereceu uma chance de começar a vida com um empurrão significativo, e eu quero ter você ao meu lado nessa jornada.

Nádia estava deslumbrada com a força que emanava de Rosival, uma energia que parecia vir de dentro dele, como a de um guerreiro que não se entrega, que não se dobra diante de nada. Ela sentiu que ele falava com o coração.

Rosival prosseguiu:

— Sei de tudo o que dizem sobre mim, e sei também que não tenho vivido como um monge, mas com você a história é diferente.

Ela sorriu e respondeu suavemente:

— Está bem, Rosival. Mas, por enquanto, terá que ser um namoro às escondidas, até que você tenha condições de se manter sozinho. Meus irmãos me apoiarão em qualquer coisa que eu decidir, mas, com o vovô, não poderemos nem tocar no assunto. Ele é teimoso como uma mula.

— Por enquanto, manteremos nosso relacionamento em segredo. O primo Heitor nos ajudará, e, em pouco tempo, falarei com seu pai para oficializar nosso noivado.

A conversa foi encerrada naquele momento, pois já estava ficando tarde, e logo dariam pela falta dos dois na casa grande. Eles montaram rapidamente, e Nádia seguiu na frente. Ela sabia que deveria chegar sozinha para não despertar suspeitas.

Após o lanche da tarde, Rosival despediu-se de todos e foi buscar o cavalo, que havia deixado à sombra de uma goiabeira, perto da cerca do pomar.

Heitor o acompanhou, ansioso para saber como estavam as coisas.

— E então, primo, agora que conheceu a moça de quem tanto lhe falei, diga-me: ela o agradou? Não é tudo aquilo que eu lhe dizia?

— Ela é tudo isso e muito mais, caro primo. Saímos sem sermos vistos, enquanto todos faziam a sesta, e pudemos conversar bastante.

— Mesmo? E já decidiram alguma coisa?

— Decidimos, primo. Vamos nos casar.

Heitor ficou surpreso, como se tivessem lhe jogado um balde de água fria. Não esperava por tanto.

Ainda se recuperando do choque, Heitor perguntou:

— E vão precisar de mim para alguma coisa?

Rosival sorriu e disse:

— Claro, primo. Precisaremos muito de sua ajuda. Teremos que namorar às escondidas, e você será nosso confidente.

— Qualquer coisa de que precisarem, podem contar comigo — respondeu Arnaldo, voltando à realidade.

Os dois primos apertaram as mãos calorosamente. Com um movimento ágil, Rosival montou no cavalo sem usar os estribos, acenou para o primo e deixou que o tordilho seguisse a passos lentos, passando pela porteira e desaparecendo sob as copas das árvores do cerrado.

Cafelândia

Rosival abriu o canivete com destreza, descascando a laranja em movimentos precisos. A cada mordida na fruta suculenta, sua mente se enchia de planos: a casa, o estábulo, a granja. Tudo parecia próximo, mas carregava o peso das incertezas. Sentia-se apaixonado, e essa paixão por cada palmo daquela terra — sua terra — enchia-lhe o coração de receios.

A fazenda Santa Fé, repleta de memórias de infância e laços familiares profundos, fora enfim vendida, deixando uma sensação agri-doce de despedida. A família, como que desarraigada de suas origens, partiu em direção ao interior, para uma nova cidade, onde o mar ficava apenas como memória distante. Saíram do litoral para o oeste do estado de São Paulo, atravessando paisagens até então desconhecidas, na busca por recomeços.

Chegaram à vila, um lugar de ruas tranquilas, onde o tempo parecia escorrer com mais leveza. O pai adquiriu uma casa grande, próxima à igreja de Nossa